

DEBATE COM CANDIDATOS A VEREADOR

(PERTENCENTES À COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA DA UNICAMP)

15 DE SETEMBRO - TERÇA-FEIRA

12:00 h - SALA CB 10

Aparecido Honório da Silva - "Cidinho" - PT

Arly de Lara Romêo - PMDB

César Nunes - PT

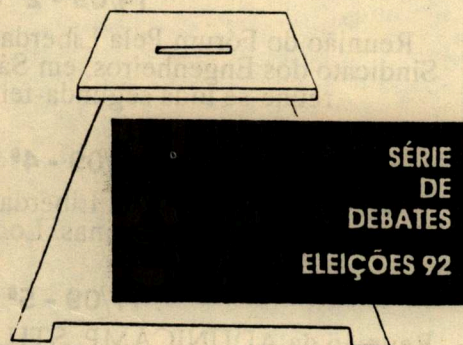
João Batista Moraes Moreira - Convergência Socialista/PT

José Suassuna Filho - PDT

Osmar Marchese - PSDB

Sílvio Spinella (CTI) - PT

Vanda Russo - PT



PROMOÇÃO:
ADUNICAMP
STU
DCE
APG

ATO PÚBLICO "FORA COLLOR"

18 DE SETEMBRO - 6ª FEIRA

EM SÃO PAULO - NO ANHANGABAÚ

Saída de ônibus: às 14:00 h, (em frente à ADUNICAMP).

Reservas de vagas p/ ônibus: até o dia 17/09, às 12:00 h, na ADUNICAMP. Preço: Cr\$ 20.000,00.

O OCASO CONSERVADOR

Tudo indica que o governo Collor agoniza e que devem ser esperadas mudanças substantivas na condução da política econômica. É oportuno, nesse momento, realizar um rápido balanço do desempenho da atual equipe econômica, liderada por Marcílio Marques Moreira.

Tendo como objetivo principal o restabelecimento de relações normais com a comunidade financeira internacional, julgadas essenciais para provocar um choque externo favorável nas expectativas empresariais, a equipe Marcílio defrontou-se cedo com uma grave crise cambial, em boa medida provocada por suas próprias políticas. A resolução dessa crise, através de uma forte desvalorização cambial acompanhada de uma política monetária muito restritiva, não levou o País a uma maior estabilidade. A inflação se mantém desde então em torno de 22% ao mês, inclusive com tendência recente à elevação, embora o choque agrícola favorável no primeiro semestre de 1992, demonstrando o fracasso do mix de políticas adotado.

Não se pode deixar de reconhecer que a política econômica, ajudada por eventos na economia internacional - principalmente pela recuperação de várias economias latino-americanas, com o destaque particular para a Argentina -, obteve um relativo sucesso nas relações externas: o saldo comercial caminha para cifras bem superiores às esperadas no início de 1992, a entrada de capitais privados tem sido significativa e um acordo com os bancos credores privados foi encaminhado. No entanto, o "choque externo" favorável nas expectativas empresariais não se materializou, dados os efeitos econômicos internos dessas políticas, agravados, mais recentemente, pela crise política do governo Collor.

A face interna da política econômica da equipe Marcílio tem revelado a deformidade das suas concepções. A liberação dos preços do setor privado promoveu uma forte remarcação das margens de lucro dos setores oligopolizados, embora a fraca demanda interna. O mercado de trabalho enfrentou a sua pior crise desde a recessão do início dos anos oitenta, sendo o arrocho

salarial suplementado por enorme desemprego, que atingiu justamente os empregos na indústria paulista, os que oferecem a melhor remuneração.

Essa "racionalização" da indústria não levou a maiores investimentos. Repetindo o seu comportamento passivo de toda a década dos oitenta, os empresários novamente estacionaram os lucros no mercado financeiro, tornado mais uma vez atrativo pelas elevadíssimas taxas de juros. A recessão tornou-se crônica.

A recessão e as elevadas taxas de juros tornaram qualquer tentativa de ajuste fiscal muito difícil. Lembremos que a desvalorização já havia representado terrível ônus para o Estado, o principal devedor em dólares. As receitas fiscais caíram (-13,5% no primeiro semestre de 1992) e o serviço da dívida pública disparou (+132% no primeiro semestre de 1992). O controle férreo do caixa e o arrocho do funcionalismo impediram um desequilíbrio fiscal aberto ainda maior e afastaram um conflito imediato com o FMI. Aberta a crise política, o controle do caixa e o arrocho salarial foram relativizados. A proposta de reforma fiscal contesta a Constituição de 1988, o que a torna de difícil aprovação. O simples aumento da carga fiscal enfrenta a decidida oposição dos empresários, a principal base de suporte da equipe econômica.

O resultado final é a paralisia da equipe econômica, apanhada na armadilha das suas próprias concepções. A inflação elevada exige a recessão e os juros altos, que agravam a crise fiscal, que por sua vez afeta as expectativas do setor privado na formação dos preços e nas decisões de investimento. A inflação não cai e a recessão persiste. As decisões políticas para escapar desse círculo vicioso exigem credibilidade que nem o governo Collor nem a equipe econômica hoje possuem. Reabre-se a disputa sobre os objetivos do ajuste macroeconômico e os instrumentos privilegiados para alcançá-los.

Mário Ferreira Presser - Docente do IE/UNICAMP e pesquisador do CECON (Centro de Estudos de Conjuntura).

ARTIGOS SOBRE A CRISE DO GOVERNO COLLOR

Dê sua opinião sobre o governo e/ou a crise Collor, que a gente publica.

Escreva artigos de 2 laudas (em média), que serão publicados em Boletins, e envie à sede da ADUNICAMP.

NOTA DE PESAR

A ADUNICAMP comunica, com pesar, o falecimento de Cláudio Sérgio de R. Carvalho, no último dia 8 de setembro.

Cláudio era docente do Departamento de Ciência da Computação do IMECC/Unicamp.

AGENDA

14/09 - 2ª feira - 10:00 h

Reunião do Fórum Pela Liberdade do Uso do Conhecimento. Local: Sindicato dos Engenheiros, em São Paulo, à rua Genebra, 17. (O Fórum reúne-se toda segunda-feira, no mesmo horário e local.)

16/09 - 4ª feira - 19:00 h

Reunião do Fórum Pela Liberdade do Uso do Conhecimento - Seção Campinas. Local: Sede do SintPq.

17/09 - 5ª feira - 16:00 h

Reunião da ADUNICAMP, STU, DCE, APG e AMERU, para debater a formação de Fórum Único de Debates sobre a ECO-92, na Unicamp. Local: Sede da ADUNICAMP.

17/09 - 5ª feira - 17:00 h

Reunião do Fórum das Universidades (Unicamp - Pucc) Pela Liberdade do Uso do Conhecimento. Local: Sede da ADUNICAMP.

23/09 - 4ª feira - 10:00 h

Reunião da Comissão Técnica do CRUESP.

24/09 - 5ª feira - 16:30 h

Reunião com o CRUESP.